
As representações das princesas da Disney e os estereótipos de gênero: discussão a partir dos Estudos Culturais e da participação de mulheres na produção audiovisual¹

Amanda dos Santos SALVIANO da Silva²
Joalesson Ferreira da SILVA³
Rodrigo Martins ARAGÃO⁴
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O seguinte artigo tem o objetivo de discutir a filmografia da Disney e suas representações femininas, relacionando com a teoria dos Estudos Culturais e suas contribuições ao questionar a hierarquia que existe nos meios de comunicação. Esta pesquisa visa investigar quinze filmes da Disney começando pelas princesas clássicas com mais estereótipos de gênero: Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, A Bela Adormecida e comparando com: A Pequena Sereia, A Bela e a Fera, Aladdin, Pocahontas, Mulan, A Princesa e o Sapo, Enrolados, Valente, Moana, Detona Ralph, Frozen, Raya e o Último Dragão. Por meio da análise de conteúdo, o trabalho busca identificar a presença de mulheres na produção desses filmes e a correlação entre uma maior participação de mulheres atuando no roteiro e direção dos filmes e a ressignificação das princesas.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; Princesas da Disney; Representação Feminina; Feminismo; Estereótipos de Gênero.

INTRODUÇÃO

No contexto atual encontrado na sociedade é comum observar que muitas profissões ainda são dominadas por homens e quando tem a presença de mulher é algo escasso. Segundo Araujo (2017), os homens antigamente tinham um diferencial por causa da força, mas atualmente isso não é necessário, pois são desejadas outras qualidades que ambos os sexos podem oferecer. Dessa forma, se torna preocupante que muitos cargos

¹ Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: amanda.salvianodasilva@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: joalessonf@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Radialismo do DECOM-UFPB. E-mail: rodrigo.martins@academico.ufpb.br

renomados e que não necessitam de força física, ainda sejam liderados e ocupados pelo sexo masculino.

Nos Estudos Culturais, campo antes comandado por homens, a entrada das pesquisadoras feministas foi imprescindível para que iniciasse discussões sobre a representação feminina nos meios de comunicação, desconstruindo uma visão patriarcal dentro desse grupo.

A presença da mulher na mídia tem que ser vista em três aspectos, na equipe, no produto e no receptor. A partir do momento em que existem mulheres ocupando lugares que produzem conteúdos midiáticos, há menos chance de haver produtos machistas que apresentam as mulheres com estereótipos de gênero.

É notório que a mídia contribui para essa construção de estereótipos na sociedade, ditando o papel delas dentro e fora de casa. De forma quase natural, as mulheres são ensinadas a seguirem um padrão desde a infância, pois são apresentados filmes infantis que corroboram a distinção do que é ser menina e do que é ser menino. Araújo (2017) afirma que esses estereótipos são introduzidos nos desenhos de forma prazerosa, mostrando como elas devem se portar para serem aceitas.

Dessa forma, discutimos a representação feminina em quinze filmes da Disney, iniciando com três princesas clássicas: Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, A Bela Adormecida e comparando com as novas representações femininas da Disney: A Pequena Sereia, A Bela e a Fera, Aladdin, Pocahontas, Mulan, A Princesa e o Sapo, Enrolados, Valente, Moana, Detona Ralph, Frozen, Raya e o Último Dragão.

O trabalho assume a hipótese de que a mudança na representação das princesas nos filmes da Disney se dá de forma concomitante ao crescimento da participação de mulheres no desenvolvimento do produto. A pesquisa se debruça, especificamente, sobre a investigação das etapas de roteiro e direção. Foram levantados dados sobre a presença de mulheres creditadas como roteiristas e diretoras nos quinze filmes acima, listados na plataforma do IMDb.

ESTUDOS CULTURAIS

O campo dos Estudos Culturais surge em um contexto de mudanças e transformações da classe operária, durante a Inglaterra na época do pós-guerra. Em 1964, com a formação do chamado Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), que

seguia um viés marxista, buscava-se uma nova visão sobre a cultura e a sociedade ao levar os meios de comunicação como um objeto fundamental. Após o CCCS fazer uma análise do que se entendia como cultura na sociedade, foram feitas algumas modificações.

O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. O primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente a sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressa mais novamente através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado (AGGER apud ESCOSTEGUY 2001:156).

A partir dos Estudos Culturais, a cultura de massas fica em evidência e ganha uma interpretação mais plural de sua vivência e de suas dinâmicas de interação. Dieison Marconi e Tainan Tomazetti, explica como ocorreu essa contribuição para as práticas culturais.

O alargamento do conceito de cultura proporcionou, assim, uma ruptura de pensamento naquele período, na qual as práticas culturais deveriam ser vistas e analisadas de acordo com o contexto social, histórico e de relações poder no qual se encontravam. O cultural passou de dogma estrito para tornar-se prática ordinária constituinte dos processos sociais. Assim, com distintos objetos de análise (literatura, cinema, televisão, artes etc) e mesclando qualitativamente inúmeras disciplinas sociais (sociologia, história, antropologia, filosofia, linguística etc). (MARCONI; TOMAZETTI, 2017, p. 569).

Ademais, de acordo com Escosteguy (2001), os estudos culturais deram importância as expressões culturais que não eram vistas como cultura por não serem tradicionais. Pois eles “construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades.” (ESCOSTEGUY, 2001, p.5).

Os três principais fundadores da CCCS, Richard Hoggart, Richard Williams e E.P Thompson focavam, respectivamente, na recepção da cultura pelos sujeitos, no impacto dos meios massivos na cultura popular e na visão da cultura como identidade dos indivíduos. Ao perceber a autonomia e a multiplicidade dela, foi possível romper com o

conceito tradicional que a enxergava apenas como um artefato palpável, a compreendendo como toda atividade humana. Como mostra Ana Carolina Escosteguy:

De forma sintética, é preciso apontar as rupturas e incorporações mais importantes que contribuíram na construção da perspectiva teórica e das principais problemáticas desta tradição. Aproximando-se do vasto campo das práticas sociais e dos processos históricos, os estudos culturais preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos mass media que expressavam os rumos da cultura contemporânea. (ESCOSTEGUY, 1998, p. 89).

Com a chegada de Stuart Hall, são incorporados aos estudos os recortes de gênero e etnia, objetos que foram muito importantes para o entendimento do funcionamento destes fenômenos nos meios de comunicação.

O avanço das atividades industriais permitiu a entrada das mulheres no setor de trabalho, algo que conseqüentemente acabou colocando-as dentro da esfera cultural econômica e política que se emergia. Como citado por Escosteguy (1998, p. 2) “Hall (1996) aponta o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais, reorganizando sua agenda em termos bem concretos”. Isso influenciou na redescoberta de ideologias e noções de poder consolidadas por essas estruturas de gênero e etnia.

O FEMINISMO E OS ESTUDOS CULTURAIS

A luta do movimento feminista, com destaque para o Women Take Issue⁵, foi importante ao realizar um trabalho que reunia textos acerca dos papéis de gênero impostos na mulher. Estes textos, publicados junto ao CCCS, se dedicavam a pensar em ideologias recorrentes nas subculturas femininas em contato com os produtos midiáticos. Assumindo, assim, “o desafio de reinventar-se e desbravar o terreno dos estudos em comunicação. Enfrentando a invisibilidade pública diante de outros movimentos sociais e no próprio CCCS, nos quais os homens eram os líderes e, portanto, ditavam as agendas” (MARCONI; TOMAZETTI, 2017, p. 572).

Desse modo, nota-se que o feminismo teve que lutar para que seus questionamentos pudessem ser ouvidos dentro de um campo de estudos dominado por

⁵ A publicação “Womens Take Issue”, conclui-se com mais três artigos que, de forma geral, buscam instituir um manifesto intelectual que dê conta das problemáticas da mulher nas relações com a cultura, com a política e com a sociedade. (Marconi; Tomazetti, 2017, p. 575).

homens. A partir do momento em que as mulheres participam de estudos que as envolvem, contribuem com melhores questionamentos, pois são temáticas que as afetam.

A insistência das pesquisadoras do CCCS em pensar as pautas do feminismo dentro dos Estudos Culturais possibilitou um novo olhar do campo de forma interdisciplinar, rompendo assim com o caráter patriarcal e claramente machista que imperava dentro do próprio Centro, algo que fica claro na afirmação de Hall sobre o começo da interseção entre movimento feminista e Estudos Culturais, quando afirma que outros estudiosos homens já haviam pensado nas questões do feminismo porque que conviviam com feministas e acreditavam que, dessa maneira, eles mesmos poderiam liderar tais pautas. (MENDONÇA; MEDEIROS; CURI, 2019, P. 46).

A chegada das correntes feministas auxilia na elaboração de novas concepções no meio comunicacional. Um dos Estudos que mais se destacou dentro do CCCS, foi o estudo da representação feminina na mídia.

As análises produzidas no período voltam-se particularmente para a representação do universo feminino no contexto da indústria cultural. Refletindo as audiências e os textos das mídias por meio de metodologias abertas e de cunho interpretativo, como as etnografias. O feminismo e suas problematizações tornaram evidente, assim, a necessidade de repensar a crítica dos meios de comunicação de massa e suas interfaces com as relações de gênero. (MARCONI; TOMAZETTI, 2017, p. 574).

As representações da mulher na mídia por muitos anos foram dominadas por um viés patriarcal. Por isso princesas de filmes como o da Disney eram apresentadas de forma estereotipadas, ou seja, as personagens do gênero feminino apareciam com comportamentos submissos, passivos e dependentes.

A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA MÍDIA

Desde a infância a sociedade é ensinada a viver com os estereótipos de gênero. Os homens e as mulheres aprendem que são de gêneros diferentes e que também devem agir e se vestir de forma diversificada. De acordo com Patricia Araujo (2017), quando os pais descobrem o sexo do filho, a distinção entre feminino e masculino começa. Dessa maneira, a partir do nascimento a criança é ensinada que para viver na sociedade deve compreender que meninos e meninas são diferentes. As meninas são ensinadas a serem comportadas, educadas, vaidosas, a brincarem apenas com bonecas, panelas e vassouras. Já os meninos são ensinados a se comportarem de outra forma, pois aprendem que não

devem ser frágeis “como as meninas” e são ensinados a brincarem com carrinhos e motos que são vistos, especificamente, como brinquedos para meninos.

Além disso, a sociedade sempre viu a mulher como um gênero destinado a ter um papel de ser doméstica, dependente, passiva e inferior aos homens. Tudo isso já estava enraizado na mente da sociedade. Conforme Petrucci (2014), atualmente esses papéis atribuídos aos gêneros e naturalizados na sociedade ocidental estão sendo questionados pelos estudos de gênero.

O feminismo foi um dos primeiros movimentos a diferenciar o sexo – biológico – do gênero – construído socialmente – e a reconhecer que homens e mulheres são tratados de forma diferente desde o momento em que nascem, que a sociedade oprime e vê a mulher como inferior (ARAUJO, 2017, p. 16).

Ademais, os estereótipos de gênero foram criados pelos homens e naturalizados por eles mesmos. Pois como diz Araujo (2017, p. 19): “A ideia do que é ser mulher é construída por um sistema patriarcal e quem possui maior poder neste sistema são homens”.

A mídia sempre teve muita influência sobre a população, educando e moldando para que seguissem um certo padrão. Para Araujo (2017), a mídia tenta moldar a sociedade, mostrando como as mulheres devem se comportar e vestir, por isso é visto como um educador ativo na construção do que é feminilidade e de qual é o papel da mulher na sociedade. Outrossim, por ser formadora de opinião, a mídia é muito presente na vida das crianças e influenciam na formação mental delas. Desse modo, é notório que o patriarcado sempre foi naturalizado nos filmes infantis e se não fossem à luta das feministas, não haveriam questionamentos sobre as condutas transmitidas das princesas para as crianças.

As princesas da Disney são os primeiros exemplos de filmes a serem apresentados para as meninas que ainda não tem a personalidade completamente formada. Assim como qualquer criança elas aprendem e reproduzem o que estão vendo, por isso as princesas causam esse desejo nas meninas de buscarem a beleza irreal transmitida pela cultura de massa. Araujo explica como esses contos reforçam os estereótipos de gênero:

Nos contos de princesas tradicionais, então, notamos que elas performam corretamente o que a sociedade espera da mulher, sempre com ludicidade é claro, e esse padrão é ensinado desde cedo a todas as

crianças. É ensinado que meninos são fortes e meninas passivas. Com o tempo, os contos de fadas passam a ser “coisa de menina”, e quem consome essas produções são elas. (ARAÚJO, 2017, p. 25).

As princesas mostram como são os padrões da sociedade e as crianças tendem a se compararem e desejarem um dia ser como elas, visto que as princesas são lindas, vaidosas, educadas, submissas e sempre estão em busca de um príncipe para ter um final feliz. Para Aguiar e Barros (2015), a mídia encoraja indiretamente as crianças a reproduzirem os comportamentos que estão vendo, ou seja, as crianças por não estarem completamente formadas com opinião própria e personalidade, os filmes de princesas acabam se tornando uma influência na formação dos seus valores e princípios. Além disso, os meninos não são atingidos por essas animações, porque, como diz Correia (2010, p. 2): “A figura da princesa surge massivamente nos produtos culturais para a infância como um modelo de feminilidade, encerrando mensagens e valores e seduzindo magicamente as meninas, incidindo sobre as suas subjetividades”. Dessa forma, com o patriarcado presente na cultura de massas, as meninas crescem achando que devem viver com um homem e para o homem.

O LEGADO DAS PRINCESAS CLÁSSICAS

Em 1937, foi lançado a Branca de Neve e os Setes Anões, a primeira princesa e o primeiro longa-metragem de animação da Disney. O filme retratava como a mulher era vista pela sociedade naquele tempo. Segundo Aguiar e Barros (2015, p. 6): “A primeira princesa de Disney nasceu num período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, o que evidencia sua representatividade como a mulher ideal para a sociedade patriarcal da época”. Além disso, o filme reforça a competição entre as mulheres, pois a própria madrasta tinha inveja da enteada por causa da beleza e da juventude.

A madrasta de Branca de Neve, por intermédio do espelho – que representa a metáfora da voz da consciência feminina, invejosa, narcísica e vulgar - fica ciente da beleza da juventude da enteada, o que faz ela exigir que o caçador a mate, e como prova de que a matou, traga para ela seus pulmões e seu fígado. (LIMA, 2016, p. 43).

No longa-metragem, a Branca de Neve entra na casa dos sete anões e limpa tudo, pois a casa está toda desarrumada, mesmo com sete homens morando no local. Essa situação reforça o estereótipo de que a função de cuidar da casa é da mulher e não do homem. Ademais, os anões não a aceitaram morando lá por bondade, mas aceitaram pela

beleza dela e pelos afazeres domésticos. No final a princesa é envenenada pela madrasta e o príncipe a beija enquanto está adormecida. Ela é salva e vivem o tão sonhado “felizes para sempre”. Assim, as mulheres aparecem como frágeis e invejosas, enquanto os homens terminam como heróis dos filmes.

Lançado em 1950, Cinderela conta a história de uma menina que assim como Branca de Neve, também tinha uma rivalidade com a madrasta má. Além disso, Cinderela era obrigada a fazer o trabalho doméstico, porque as filhas da madrasta tinham inveja da sua beleza. Sabiam que o príncipe se encantaria por ela, por isso a tratavam como empregada. Segundo Eveline Aguiar e Marina Barros, o filme foi feito em uma época em que as mulheres tiveram que fazer uma grande alteração no cotidiano:

O contexto histórico em que está inserido o filme justifica a mudança de paradigma da mulher dona de casa para a que busca uma mudança de vida, ou seja, a não obrigação de seus afazeres domésticos. Durante a Segunda Guerra Mundial, em virtude da grande quantidade de homens recrutados para o exército, o mercado de trabalho se abriu para as mulheres. Foi neste contexto que ocorreu o lançamento de Cinderela. (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 6).

Cinderela também estava em busca do príncipe para se casar. Novamente os contos de fadas reforçando o estereótipo de que a mulher precisa do homem para ser salva e viver feliz. De acordo com Lima:

É notório que a figura masculina é representada como uma pessoa de ação, que está sempre em busca de aventuras externas, que interage com o espaço público, enquanto a mulher, é sempre a sofredora, que não se realiza como pessoa, cheia de limites. (LIMA, 2016, p. 43).

Enquanto isso, lançado em 1959, A Bela Adormecida fala sobre uma jovem chamada Aurora. Tal como a Branca de Neve e a Cinderela, Aurora tinha uma rival. Além disso, foi condenada a cair em um sono profundo por vários anos. A sua única salvação era um beijo do amor verdadeiro, ou seja, um príncipe teria que aparecer para salva-la. Conforme Carolina Fossatti (2009), essas princesas esperam a vida toda por um príncipe e quando encontram, o filme acaba, pois o final feliz chega junto com o homem. Vale ressaltar que a beleza, submissão, fragilidade, inferioridade econômica, competição e ação heroica masculina são estereótipos presentes nos primeiros contos de fadas da Disney. Dessa forma, nota-se que a sociedade patriarcal da época era refletida nos filmes, conseqüentemente as crianças desejaram por muitos anos serem como essas princesas.

Atualmente a Disney vem criando princesas mais empoderadas para acabar com os estereótipos criados pelo patriarcado.

NOVAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA DISNEY

As princesas trazem um modelo de como as meninas devem seguir diante da sociedade, mesmo que inconsistentemente, pois são um guia para a maioria delas, e por muitos anos, essas princesas foram consideradas mulheres submissas e frágeis que ficam à espera de um príncipe encantado para serem felizes. Ao contrário delas, as novas princesas “rebeldes” são contra as regras impostas, não sonham com o príncipe encantado e buscam independência.

Essa mudança de comportamento das princesas, essa “rebeldia”, pode ser explicada pela mudança de valores promovida com o desenvolvimento da sociedade de consumo. Estabelecendo uma nova cultura que prezava a felicidade individual, esses novos valores desqualificaram o antigo estereótipo de mulher do lar e garantiram um novo modelo social feminino que não mais depende da influência tradicionalista dos homens. As mulheres passam a ser protagonistas de suas próprias vidas. (LOPES, 2015, p. 44-45).

Mulan (1998), é tida como uma ruptura dentro das construções criadas pelas princesas por conta da sua relação com a feminilidade. Segundo o que foi levantado por Moreira e Portela (2018), ela está entre as princesas do tipo 2, as resistentes, juntamente com Ariel (1989), Bela (1990), Jasmine (1992) e Pocahontas (1995) que “são vistas como personagens mais ativas, determinadas, com espírito aventureiro, habilidosas, corajosas e, conseqüentemente, o amor ficou para o segundo plano, tornando-as mais conscientes dos papéis que deveriam assumir como mulheres.” (2018, p. 264). Além disso, segundo Moreira e Portela, Breder acredita que Tiana (2009), Rapunzel (2010), Merida (2012) e Anna e Elsa (2013) são do tipo 3:

Personagens determinadas, fortes, habilidosas, corajosas e que não desejam mais um príncipe (com exceção de Anna), cujo ato de amor verdadeiro para a resolução da maldição/feitiço aparece em outras figuras, por exemplo, em Valente, o amor materno e, em Frozen, o amor fraterno. Essas princesas são denominadas, portanto, de princesas contemporâneas (MOREIRA E PORTELA, 2018, p. 264).

Assim, com o passar dos anos, pode ser observado uma mudança de padrão e estereótipo da representação feminina nas produções audiovisuais, dando destaque à

Valente (2012) e Frozen (2013) ambos trazem uma nova imagem para a figura feminina, diferente do que era visto antes. Para Mendes e Siqueira (2018, p. 137), “Merida, a protagonista do primeiro filme, lançado em 2012, chama a atenção por seus cabelos rebeldes e desgrenhados, que combina com sua personalidade indomável.” Diferente do que se vê em relação as princesas da Disney, ela não traz a sua imagem características físicas e psicológicas que estejam relacionadas com os estereótipos que trazem uma ideia do que é ser uma princesa, atributo de feminilidade que está presente na sociedade mesmo em um momento em que a sociedade parece tão evoluída e desenvolvida, com acesso a aparatos tecnológicos e informação. Porém, é de fato por não estar no molde de um padrão de princesa que as protagonistas se sobressaem.

De acordo com Moreira e Portela (2018, p. 270) “Frozen deixa de lado em sua narrativa o termo “felizes para sempre” e desenvolve de maneira diferente o termo amor verdadeiro, como mencionado anteriormente, já que a trajetória do herói é realizada por um actante protagonista feminino.”. A trama se desenvolve na estrutura da resistência da amizade e lealdade entre as irmãs Anna e Elsa, postergando relacionamentos amorosos com personagens masculinos.

No contexto de Moana (2016), essa configuração parece se alterar. Moana performa de maneira semelhante à Merida, correndo, lutando, navegando e construindo. Entretanto, em seu universo, tais performances não são vistas como masculinas e sim como algo normal que a sucessora do chefe, independente do gênero, deve saber. Todo o conflito entre feminilidades e masculinidades apresentado em Valente parece ter sido superado em Moana, pois a sociedade ali colocada traz, para o âmbito das feminilidades, performances que antes eram consideradas masculinas. Enquanto Merida é uma mulher interpretando masculinidades, Moana é uma mulher interpretando novas feminilidades. Para Machida e Mendonça (2020, p. 25): “As problemáticas da protagonista dizem muito mais de suas ambições exploratórias do que de uma limitação de gênero imposta. Além disso, à medida que Merida tem como exemplo seu pai, Moana tem como exemplo principal uma personagem feminina, sua avó.”

Segundo a Revista Omelete (2019) com o passar dos anos e o desenvolvimento da sociedade, a Disney veio trazendo novas perspectivas e mudanças nas histórias de suas protagonistas para que pudessem ser atuais e realistas. Porém, alguns pontos ainda fazem parte da trama. No filme WiFi Ralph - Quebrando a Internet (2018), tem uma cena marcante que contém humor, onde se relaciona muito com essa questão estética em volta

das princesas da Disney. Nela Vanellope que também é uma princesa está em uma sala reunida com as demais princesas, em uma conversa as mesmas começam a discutir sobre o que as caracterizam princesas, deixando a situação ainda mais engraçada.

“Vocês estão bem? Devo chamar a polícia?”, responde Vanellope, assustada, colocando em perspectiva todos os maus-tratos passados pelas meninas. Elas só chegam em um consenso quando Rapunzel pergunta: “as pessoas presumem que todos os seus problemas foram resolvidos porque um homem grande e forte apareceu?”. A resposta positiva confirma, Vanellope é uma princesa. (OMELETE, 2019).

Seguindo a ordem cronológica de filmes lançados, chegamos a Raya, a última princesa da Disney até o momento. Podemos perceber já de início que a mesma tem um padrão estético bem diferente do que tradicionalmente era proposto pela Disney, mas não só em sua aparência como também em suas motivações. “Raya se mostra uma protagonista de personalidade forte, destemida e completamente segura de si” (OLIVEIRA, 2021, p.67).

É interessante destacar também o comportamento da protagonista durante o decorrer do filme, sempre persistente e com garra para tentar obter êxito em tudo que faz. Apesar de fraquejar e não sair vitoriosa em alguns momentos, tendo em vista esse comportamento, Oliveira apresenta o comentário de Xu:

[...]pode ser o filme mais poderoso [da Disney], pois cria um mundo inteiro cheio de mulheres poderosas e centra sua história nas relações entre várias personagens femininas. O mundo de Raya está cheio de mulheres soldados, líderes, rainhas e dragões dominantes (XU, 2021, p.328 apud OLIVEIRA, 2021, p.67).

Assim, percebe-se que a maior parte do núcleo de personagens é formada por mulheres. Segundo Oliveira (2021) tanto as duas protagonistas quanto uma das principais antagonistas são do gênero feminino; dessa forma é retratado durante a trama. Contudo essa nova representação feminina se faz necessária na sociedade principalmente para o desenvolvimento das crianças que se espelham nessas produções audiovisuais.

A PRESENÇA DAS MULHERES NAS CONSTRUÇÕES DOS FILMES DE PRINCESAS

Diante da conquista das mulheres com essas novas representações femininas nos filmes de princesas, investigamos por meio de uma análise de conteúdo as participações de mulheres como roteiristas e diretoras no desenvolvimento desses filmes da Disney. A plataforma usada para a coleta de dados da tabela foi o IMDb. As filmografias foram divididas, aqui nas tabelas, entre tipo 1: clássicas, tipo 2: resistentes e tipo 3: contemporâneas.

Tabela 1 – (Tipo 1) Presença de mulheres na produção de filmes das princesas clássicas

FILMES	Mulheres creditadas no roteiro	Mulheres creditadas na direção	TOTAL:
Branca de Neve (1937)	Dorothy Ann Blank		1
Cinderela (1950)			0
A Bela Adormecida (1959)			0

Fonte: elaborado pelos autores.

Tabela 2 – (Tipo 2) Presença de mulheres na produção de filmes das princesas resistentes

FILMES	Mulheres creditadas no roteiro	Mulheres creditadas na direção	TOTAL:
A pequena Sereia (1989)			0
A Bela e a Fera (1990)	Linda Woolverton Brenda Chapman		2
Aladdin (1992)			0
Pocahontas (1995)	Susannah Grant		1
Mulan (1998)	Rita Hsiao Eugene Bostwick-Singer Linda Woolverton		3

Fonte: elaborado pelos autores.

Tabela 3 – (Tipo 3) Presença de mulheres na produção de filmes das princesas contemporâneas

FILMES	Mulheres creditadas no roteiro	Mulheres creditadas na direção	TOTAL
A Princesa e o Sapo (2009)			0

Enrolados (2010)			0
Valente (2012)	Brenda Chapman Irene Mecchi	Brenda Chapman	3
Frozen (2013)	Jennifer Lee	Jennifer Lee	2
Moana (2016)	Pamela Ribon		1
Detona Ralph (2018)	Pamela Ribon Josie Trindade		2
Raya e o ultimo dragão (2021)	Adele Lim		1

Fonte: elaborado pelos autores.

As princesas da tabela 1, que são as clássicas com mais estereótipos de gênero, tiveram apenas uma mulher creditada como roteirista e nenhuma na direção. As princesas da tabela 2 que são as resistentes, tiveram a presença de seis roteiristas e nenhuma diretora no desenvolvimento dos filmes. As princesas da tabela 3 que são as contemporâneas, tiveram a presença de sete roteiristas e duas diretoras.

Dessa forma, percebe-se que a presença das mulheres na produção de filmes da Disney cresceu, juntamente com o surgimento de novas representações femininas. Infelizmente, o cargo de diretores ainda é predominado pelo sexo masculino, entretanto, nas princesas do tipo 3 (contemporâneas) foi diferente das outras tabelas, havendo duas diretoras.

Ademais, algumas roteiristas do tipo 2 (resistentes) e tipo 3 (contemporâneas) como: Brenda Chapman, Linda Woolverton e Pamela Ribon se repetiram em alguns filmes da tabela. Brenda Chapman foi creditada como roteirista nos dois tipos de princesas, essas repetições mostram que a presença delas estão associadas às mudanças nos comportamentos das princesas da Disney.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir as representações femininas nas produções dos filmes da Disney, sob a ótica dos Estudos Culturais, foi possível traçar uma linha em cima das construções de noções de gênero que são repassadas pela mídia. Tendo em vista as contribuições dos movimentos feministas aos Estudos Culturais e no que diz respeito as novas perspectivas

sociais, pode-se dizer que as representações midiáticas reforçam os discursos problemáticos que já são impostos nas mulheres.

Conclui-se que os estudos feministas foram importantes para que houvessem mudanças em relação a representações das mulheres na mídia. Percebe-se o resultado da luta do feminismo quando empresas como a Disney, criam narrativas que subvertem os padrões que foram construídos em cima de suas personagens. Princesas que antes eram apresentadas como submissas, passivas e dependentes de príncipes para um final feliz, passam a apresentar suas próprias opiniões e a não terem como principal desejo o casamento. Assim, não reforçando estereótipos de gênero em filmes infantis.

Através da análise de conteúdo de quinze produtos fílmicos da Disney, nota-se que houve a participação do total de onze mulheres no roteiro e direção de nove filmes de princesas. Oito deles eram filmes de princesas mais destemidas e determinadas. Além disso, mesmo com a direção sendo dominada por homens, havendo apenas duas diretoras, foi observado que a presença das mulheres no desenvolvimento das filmografias investigadas teve um crescimento contínuo, juntamente com a criação de novas representações femininas. Dessa forma, percebe-se que a entrada delas na equipe está relacionada às transformações nas novas princesas da Disney.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. **A Representação feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney**: A ressignificação do papel social da mulher. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Natal, Intercom, 2015.

ARAUJO, Patricia Martins de. **Protagonismo feminino**: influência dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista. Orientadora: Dr^a Zoraia Aguiar Bittencourt. 2017. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2017.

BREder, Fernanda. C. **Feminismo e príncipes encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, Rio de Janeiro, 2013.

CANHISARES, Mariana. **Como a Disney pede desculpas às princesas em WiFi Ralph**. Omelete, 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/como-a-disney-pede-1desculpas-as-princesas-em-wifi-ralph>. Acesso em: 8 jun. 2022.

CORREIA, Rita Mira. **O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade**. Orientador: Dr. Manuel Lisboa. 2010. 84 f. Tese (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos Estudos Culturais**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998.

ESCOSTEGUY, A. C. **Os estudos culturais**. In: HOHLFELDT, A et ali. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Rio de Janeiro: Vozes, p. 151-170, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Stuart Hall e feminismo**: revisitando relações. In: Matrizes (USP. Impresso), São Paulo, v. 10, n. 3, p. 61-76, 2016.

FOSSATTI, Carolina L. **Cinema de Animação**: Uma trajetória marcada por inovações. In: VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, CE: [s.n.], 2009.

IMDB. Disponível em: <<https://m.imdb.com/>> Acesso em 09 jul. 2022.

LIMA, Rerilene Ferreira. **O feminismo nos contos de fadas tradicionais**: espectros da submissão e da resistência. Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues. 2016. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

LOPES, Karine Elisa L. dos S. **Análise da evolução do estereótipo das Princesas Disney**. Orientadora: MsC. Úrsula Betina Diesel. 2015. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2015.

MACHIDA, Ana Naemi; MENDONÇA, Carlos Magno C. **A construção das princesas Disney**: uma análise das performances, narrativas e identidades femininas. Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, [s.l.], v. 9, n. 2, 2020.

MARCONI, Dieison; TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Do cultural ao queer**: a contribuição dos Estudos Culturais para pensar as relações de gênero nos estudos em comunicação. Razón y Palabra, [s.l.] v. 21, n. 97, p. 566-584, 2017.

MENDES, Mônica; SIQUEIRA, Denise. **Protagonismo feminino em animação**: gênero, corpo e suas representações na indústria audiovisual. Revista Mídia e Cotidiano, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 125-144, 2018.

MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. **A figura feminina nos filmes Disney**: prática de representação identitária. PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 8, n. 18, p. 262–271, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19215>. Acesso em: 13 jul. 2021.

MENDONÇA, MEDEIROS E CURI. 2019. **Estudos Culturais e feminismo**: deslocamentos teóricos e conceituais”. In: Cambiassu: Estudos em Comunicação: 34-49, 2019.

OLIVEIRA, Laís Sperandei. **Representações de princesas nos filmes da Disney**: Uma análise sobre as transformações nos padrões de gêneros. 2021. Monografia- Comunicação social com habilitação em Publicidade e Propaganda- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

PETRUCCI, Gabriela. **Como educar meninas**. Gênero e subjetividade em filmes dos estúdios Disney. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2014, Palhoça. Anais do XV Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul. São Paulo: Intercom, 2014.